

vão cheios de injustiças mas
cantam...

(Agostinho Neto)

O DIA QUE O BAILUNDO SORRIO E OUTROS QUE CHOROU

Poetizando vidas

VALENTIM CHICO



Valentim Camboio Chico, 2022

Título: O Dia Que O Bailundo Sorriu E Outros Que Chorou

Autor: Valentim Camboio Chico

Edição e paginação:

Ed-Books

Capa e projecto gráfico:

Ed-Books

Revisão:

Adelino Vissoca

Data de publicação:

25 de Dezembro de 2022

Contactos do autor:

Email: valentimcamboio@gmail.com

WhatsApp: + 244 929711199

Instagram: Valentimchico

Facebook: Valentimchico

TikTok: Valentimchico10



Sobre a obra.

A presente obra foi disponibilizada pela equipe do autor, denominada “**ED-BOOKS**” e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e leituras, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, exposição, partilha de qualquer poema sem referência ao autor ou quaisquer uso comercial.

vão cheios de injustiças mas
cantam...
(Agostinho Neto)

**O DIA QUE O BAILUNDO SORRIO
E OUTROS QUE CHOROU**

P O E T I Z A N D O V I D A S

Dedico à todos os adolescentes, jovens, adultos e todas as famílias vulneráveis, por essa Angola de Cabinda ao Cunene. Especialmente aos munícipes do Bailundo. Que cada verso que o identificar, lhe dê forças para se superar.

ÍNDICE

SOBRE O AUTOR.....	7
PREFÁCIO.....	8
O DIA EM QUE O BAILUNDO SORRIO.....	9
BAILUNDO	10
QUANDO É MANHÃ.....	12
MINHA MÃE.....	14
QUANDO NASCIAM.....	15
E SE EU ORAR.....	16
VOZES INAUDÍVEIS.....	17
SECA.....	18
NA CARA DA VERDADE	19
WALOLA	20
O POBRE BRUXO.....	21
AO REI (2020).....	24
CHILUME.....	25
DO CIMO DA MONTANHA... ..	26
OLHARES DE SOLIDÃO	27
BRUXEDO	28
DISSERAM QUE NÃO OUVIRAM, MAS OUVIRAM AFINAL!.....	30
AS PALAVRAS DOS TEUS OLHOS FALAM.....	31
NÃO TE IRRITES.....	32
AQUELA ESBELTA MULHER.....	33
TEWA TEWA	34
VIDA NÃO LIDA.....	35
AMOR QUE SALVA	36
HOLOCAUSTO	38
O SEGREDO DA MULEMBA.....	39
AMARGO SOLILÓQUIO.....	40
SE SOUBESSEM.....	41
LAMENTO	42
SUBÚRBIOS.....	44
PECADO MORTAL.....	45
VERDADE CAMUFLADA	46
TERRA DE NEGROS	47
O VENTRE DA MINHA MÃE.....	48
E DE REPENTE.....	49

VELHA CHICA.....	50
SONHAR, SOB UMA CUBATA	51
ORAÇÃO DOS POBRES.....	52
A IRONIA DO CAPITÃO	53
DESISTÊNCIA.....	54
ANTES DE MORRER.....	55
A SENTENÇA DO POBRE À POBREZA	56
MEU LINDO POEMA	58
TERRA FEIA. CONFISSÃO SEM MALDADE	59
QUEM É POBRE?	60
MEU POVO AINDA ESTÁ NA CRUZ.....	61
CANTOS NATALÍCIOS NA TURBA	62
UMA BOTA DE BORRACHA PARA MIM.....	63
HOMEM DO CHINÓ	64
SALVEM O BAILUNDO	66
DESABAFO (ALGURES DE UM MUNÍCIPE)	68
NADA DE JURAMENTOS	69
A DANÇA E O CALOR DO ALAMBIQUE	70
À DERIVA.....	71
DESABAFO DO AUTOR.....	72



Valentim Camboio chico,

filho de Bonifácio Chico e de Beatriz Vissenga; nasceu na província do Huambo, município do Bailundo. Escritor, poeta e cronista, membro da brigada jovem de literatura do Huambo. Fez o ensino médio no instituto médio agrário de Malanje, formado em energia e instalações elétricas, informática no centro de formação Fadário Muteka, Oratória e comunicação online dirigida pela escritora Brasileira Mónica soares. Esta é a sua primeira obra individual no mundo literário. Mas, já participou da antologia **“Vozes Descalças”** dos jovens da brigada de literatura do Huambo. Obras por lançar (**O Reino em Caos, O jovem Lear e Cronicontando Factos**). É atualmente estudante no instituto superior politécnico da Caála, no curso de Ensino Primário.

PREFÁCIO

A poesia continua e continuará a ser uma forma de expressão, em que resumido pelo sentimento, podemos comunicar, partilhar emoções muitas vezes, mais do que em outras formas.

Neste quase diário descrito em versos, o autor relata em cada tema poético uma realidade, baseada no quotidiano dos pobres habitantes e munícipes do Bailundo e como seus musseques são enfadonhos.

Nossas mães
Nossos filhos
Nossos musseques
Nossa pobreza
Nossas periferias
Nosso destino,
Nossa terra,
Nosso reino.

Tais palavras foram constantes e parafrasearam a maré umbilical que representa o contorno de suas vidas, ora amargo, ora muito amargo. Sem outro sabor aparente.

Esses não são escritos exclusivos para os munícipes do Bailundo, como dá a entender o título. Alguns temas se centram precisamente em volta deles, mas que podem e irá impactar a vida de qualquer um.

Maior parte dos textos foram escritos na primeira pessoa, e o uso da anfibologia são algumas das características do autor, querendo que os leitores sintam-se dentro de cada tema descrito e que de maneira subjetiva como foram escritos alguns textos, o leitor se identifique na maneira como interpretar o texto. Isto é, o texto pode dar vários sentidos pois oferece várias interpretações.

E em linguagem parnasiana, pode definir-se a poesia como o encontro de almas. E se uma alma só que seja se encontrar com a do poeta investida em seus versos, valeu a pena. E se for a sua alma ó caro leitor, podes crer, que fico lisonjeado em conhece-lo.

Se folharem, lenta e atenciosamente cada uma destas páginas, em uma delas seguramente irá encontrar uma realidade semelhante a tua ou familiar.

Boa leitura, e espero o teu subsídio sobre o que achares do livro, enviando uma mensagem para o EMAIL-valentimcamboio@gmail.com

O DIA QUE O BAILUNDO SORRIO

O dia que o Bailundo sorrio,
 Aquele único dia
 Em que tudo era alegria;
 O relógio parou o tempo
 As nuvens por respeito
 Tomaram a cor da nossa pele negra,
 Tomamos do colono
 O poder da nossa própria terra,
 O mundo imobilizou-se feito honra
 Num minuto entre a eternidade.

O dia em que o Bailundo sorrio,
 A esperança corria numa velocidade que mata,
 Para anunciar um futuro risonho,
 Que nem nos olhos mortiços
 Se furtaria de encantar.

Nesse dia...

Os sonhos acordaram
 As correntes do cárcere colonial se quebraram
 A chibata tornou-se para os bois
 As correntes para os criminosos
 A coleira para os cães,
 A gentalha tornou-se gente.

Nesse dia...

Podíamos saber, sentir, ver e viver
 Comer e olhar sem limites.
 Podíamos criar nossos filhos para crescerem,
 Viverem, amarem e casarem,
 Terem filhos, dos filhos dos seus filhos.
 Podíamos cantar e deixar de cantar e ir cantando.

O dia que o Bailundo sorrio

As lágrimas do esforço ressuscitaram da morte,
 O branco ficou na inimizade do tempo,
 Nossas vidas tornaram-se nossas,
 Nossos filhos nossos,
 Nossas mãos para escrever,
 Nossos peitos para guardar histórias
 Nossos sonhos cresceram rosas,
 Nosso sofrer transformado em contos.

Nesse dia...

Seguimo-nos através de nós.

BAILUNDO

Bailundo,
 Coração que agita as almas da cathedral
 Com o cantar do galo
 Na manhã de carnaval,
 Acompanhado
 Ao som do ribombar do batuque.

No olhar da estátua de Ekuikui II¹
 Na batucada do grupo Katiavala²,
 No brilhar de pirilampos noturnos,
 Vê-se jovens enamorados
 Roubando beijos proibidos.

Bailundo
 Que para a sua salvação
 Beijos foram necessários,
 Vidas perdidas na mortal sedução
 Na guerra por suas memórias.

II

E eu, do alto olhei
 E já da tua luz banhado
 Sorrindo, vejo teu encanto.
 Tua alma viva
 Teus filhos mortos,
 Tua voz linda
 Que de mim, não se esquiva.

Vejo também tuas ruas
 Afogarem-se em lágrimas de ódio
 E o silêncio perturbado
 Por choros e gritos de agonia.

Ó terra amada
 Por ti oremos.
 Pois, somos agora
 Banquetes dos germes.
 Somos crianças sanzaleiras
 Com fé de monges,
 Fé que alimenta nossas esperanças,

¹ Foi o vigésimo rei do reino do Bailundo entre 1876 a 1890

² Foi o primeiro rei do reino do Bailundo, sendo ele também o fundador do município

Para uma terra de progressistas,
Ó terra, presa por laços invisíveis
Nos acuda deste casebre infernal,
Onde em dia de teu festival,
É impensável a lei condoer-se com a pobreza.
E nos teus musseques,
A dor é o encanto da turba.

E na esquina de uma felicidade camuflada
Sorrisos falsos,
Lágrimas afogando os rostos da criança,
Cantos irônicos,
Ouve-se a musica
Mais tocada nas periferias da santa igreja;
Rogai por nós,
Rogai por nós,
Rogai por nós ó santo padroeiro,
Pois, no dia de aniversário de nosso reino,
Estampamos um olhar triste ao seu retrato.

QUANDO É MANHÃ

Quando é manhã
 Os olhares se cruzam
 Pai e filhos
 Numa íntima comunicação ocular
 Banhados de incertezas.
 Sem poderem falar
 Mas vêm os pais
 Os filhos viverem na pele
 A carestia que os transforma
 Em escravos de ventres vazios
 E a insignificância tornando seus gritos inaudíveis.
 É pela manhã que os pais das sanzalas
 Enxergam o quanto são genotípicamente ingloriosos.

E quando é manhã!
 É pois quando se reconhecem os que sofrem;
 A voz cansada
 O rosto pálido, de um sono interrompido
 A correria, a gritaria,
 Na intenção de chamar a freguesia,
 O suspiro profundo de preocupação,
 O sorriso oculto no fundo da alma,
 A sentença das ruas dada às zungueiras,
 O mais sublime rosto de resiliência do kupapatas.

É pela manhã
 Quando tudo isso acontece
 Conjuntamente com a oração
 Do "seja como Deus quiser".

Seja como Deus quiser;
 Nossos sonhos,
 Nossos filhos,
 Nossa pobreza interminável
 Nossa correria contra a sagacidade
 Nossa falsa alegria!
 Seja como Deus quiser...
 Nossa vida incerta
 Nosso espírito cativo...

Seja como Deus quiser
 A nossa fé que não salva, e esta morte que nos ama
 Nossas voltas sem volta, carentes de revolta,
 Esta fome como a sarna que cossa

Nossos homens enterrados na masmorra
Este sol que dia a dia nos torra!
Seja como Deus quiser...

MINHA MÃE

Se virem uma mulher
Com a voz preza na garganta,
Diante da sua quitanda
Tristonha, nas ruas da santa igreja
Numa tarde ensolarada,
Numa gritaria forçada
Tentando convencer o freguês!
 – Olha o peixe mano
 É lambula grosso mana
 Três é cem
 Me compra lá só!
Essa mulher é minha mãe.

Se virem uma mulher
De calos nos dedos,
Patas rotas de doer,
De aparência duvidosa
Forçando um olhar de jovem moça
Com indícios de ter onze filhos na corcunda!
Um dos onze filhos sou eu
E ela com certeza é minha mãe.

Se virem-na reduzida a farrapo
Mergulhada na incerteza
Assombrada pelo futuro
Abandonada na face da amargura!
Ajudem-na, pois essa mulher é minha mãe.

QUANDO NASCIAM...

Morria-se a liberdade
Com seus pensamentos obscuros,
Vida boa! Ficava apenas saudade.

Quando nasciam
Traçavam seus destinos
Vidas emaranhadas sem desdém,
Além do fado cruel, era apenas paisagem.

O passado não passava.
Quando nasciam,
O presente era como brasa
Queimando uma alma distante,
Distante de um futuro sem sorte,
Sorte, perdida no ventre de quem os paria,
Pois paria, almas negras sem vida,
Vida, amorfanhada pelo colono,
Que colonizava, ao compasso da toada.

Eram negros, quando nasciam.
Eram Africanos, quando cresciam.
Eram do berço da humanidade, quando morriam.
Eram escravos Bailundos,
Na história dos ibéricos.

E SE EU ORAR...

E se eu orar
E ainda assim no paraíso
Os anjos selecionarem por afinidade!

E se eu orar
E ainda assim o analfabetismo
Transcender a mente da minha mãe,
E ela não saber ao menos, o que é uma vinha!

E se eu orar
E ainda assim,
Alguns cristãos simularem milagres
Com águas banhadas no cheiro acre do feiticismo!

E se eu orar
E ainda assim a minha ida aos céus
Depender de indulgências!
E se eu orar
E ainda assim
As lágrimas do ódio enganarem o amor!

E se eu orar...

VOZES INAUDÍVEIS

Gritam abafadas
Por estrondosos bélicos,
As ossaturas expostas
Costelas de vigas de aço em voltas
Em concreto
Corroem nas almas suas vítimas.

Vozes inaudíveis
Vertiginosas aríetes em luz flava
Cortam o cerne lúgubre dos céus
Pejados de nódoas plúmbeas,
O horror estampado na palidez dos olhares incréus
Perante o hediondo espetáculo
Da fome, de corpos dilacerados,
De excruciantes dores.

SECA

Homens sem carne
Sem sonhos,
Além do cerne
De uma terra de abrolhos.

Terras sem vida
Chorasas
Sem lágrimas.
Históricas
Com filhos além da conta.

Almas longe dos espíritos.
Talvez levada pela descrença,
Esgotada esperança.

Sem café, sem fé
Sem céu nublado, sem joelho dobrado.
Rumorejantes sobre Deus,
Questionam seu poder sobre os céus.

NA CARA DA VERDADE

Os povos da fome
Dirigem-se cada dia
Mendigando de modo dramático
Aos povos da opulência,
Que fingem inocência
Na cara da verdade
Culpando os pobres de malfeitoria.

Ó Bailundo, ó Bailundo!
O cemitério próximo a minha vizinhança
Estremece perante este grito,
Pois reclama farto
De almas pobre sem culpa.
Ó Bailundo, ó Bailundo.

WALOLA ³

Maluca senhora
 Às ruas berrava
 Berrava à rua parada
 Parada à rua berrava
 Berrava e chorava...

Por seus filhos chorava
 Chorava e berrava.
 Levados pelo desconhecido,
 Com todos gritava...

Gritava sem parar;
 – Wapalami. Omalã vantage veye. “malditos, tragam os meus filhos”
 De manhã, de tarde e de noite
 A vida de todos infernizava.

À madrugada, Walola ninguém a ouvia
 Pois estava às dores e alegrias.
 Era amante e ninguém sabia.

As seis Walola voltava
 E da vida de todos infernizava
 Berrando, berrando
 Chorando, chorando.

³ Uma senhora maluca, que perambula as ruas da cidade do Bailundo atacando as pessoas com palavras, gritos, choros e lamentos por lhe terem tirado os seus filhos pela incapacidade de cuida-los.

O POBRE BRUXO

– Que o diabo te leve
Que a asma te abafe,
Bruxo sem vergonha
Queres amor com essa carantonha?
Sume-te coisa má,
Bruxo velho só cankra

Mesmo parecendo pobre
Atiram-me ao chão como um cão,
E nem o nobre mais nobre
Se atreve a salvar-me da acusação.
Mas parta toda gente
Mesmo em reinos mui capazes,
Um rei é certamente
O defensor dos pobres
Tidos como bruxos.

O contrário que se vê
Todos nós tidos como criados
Andamos corridos
Com desaforos
Que vêm aos nossos ouvidos.

Por me terem como bruxo
Fui orientado a cuidar do gado
E o mesmo afirma por sua vez
Que se for por mim um carapau furtado
Serei eternamente acompanhado
Por um pobre gato maltês.

Numa noite endiabrada de trovões
Ria-se o rei,
Gritando bruxo para mim
Obrigando-me a descer à cavalariça,
Descalço,
Sobre o afiado chão de aço
A espalmar trigo
Da ração posta aos burrinhos
Que estavam entusiasmados
A regalar os focinhos.

Para um pobre
 É custoso viver um conto assim,
 E os contos enfim,
 Que me têm posto
 De reclamar eu nem ousou.

Chamam-me sovina
 O esfomeado lazarento,
 O só cancri alma-mofina
 Que por um pedaço de pão se humilha.

Mas eu não procurei a fome,
 Eu não dei-lhe meu nome
 Para estampar no cardápio
 Desses rico que brilham como vagalume,
 Que me chamam bruxo
 Por ser feio
 E parecer om um servo de quimbandeiro.

E o rei
 Esse rei tartufo
 Que acusa-me de bruxo
 É obriga-me a fazer de seu sangue meu apelido.
 Não tem vergonha de me pôr até contra os bois.
 Com o seu trato escondido
 Com sua usura sem par
 Com a sua falta de entranhas
 Com a sua má fé, burlas e manhas
 Coloca ante o altar
 Toda a sua ira sobre mim.

Agora só me resta suplicar
 E cantar a valsa da morte.
 Pois o rei,
 Com a boca ardente lançando injúrias
 Com a mente inclinada ao rosto do cemitério
 Convida seus cavíulas⁴ como testemunhas
 E sentencia-me a morte,
 Enquanto as viúvas de seios mirrados
 Protestam contra o rei,
 Por sentenciar enquanto bebia seu caxi⁵
 Feito pelo bruxo
 A quem sua vida deseja sacrificar.

⁴ Do étimo umbundu: Um tipo de palhaço com características assustadores

⁵ Bebida alcoólica caseira

II

(o pobre bruxo já cansado)

Sacrifica-me ó rei
Se o caxi que fabrico para o senhor
Não é amargo o suficiente!
Sacrifica-me.

Se os pobres são uma ameaça ao teu reinado!
Sacrifica-me por favor.

Se os pobres para ti são bruxos,
E os teu akokotos⁶ não destoam das tuas miseráveis canções!
Sacrifica-me e joga-me num antro.

Se és um pérfido.
Sacrifica-me pois,
Te cabe todo o direito para fazê-lo.

⁶ Do étimo Umbundu: sagrado túmulo do reis no huambo, onde encontram-se crânios de sobas e reis desta região.

AO REI (2020)

Desça do trono ó rei
Desça do trono
E diz-nos quem tu és realmente.
Qual é o teu propósito com o reino?

Como podes tu
Julgar o reino uma corrente de água
Que o podes dirigir onde quiseres
E todo caminho te parece correto!
Como preferes os teus homens sacrificar
Do que fazer justiça e julgar com retidão!

Não é bom para um rei
Acumular riquezas com mentiras
Julgar os pobres sem a lei
Sem equidade e com birras.

Se te torna lúcido
Sirva-te,
Se te faz sentir compaixão ó rei,
Sirva-te do melhor vinho.

Talvez isso te ajude a compreender
Como pervertes os direitos dos oprimidos
Como não fazes justiça aos pobres e necessitados
Como as vezes desejas bebidas fortes e esqueces do teu reino reger.

Que mais te direi ó rei
Que mais te direi!
Por que o ensino da benevolência
Não está na tua língua.
Como queres as virgens do reino só para ti
E as viúvas como tuas servas?

Que um infortúnio te castigue
Por fazeres fortuna
Pelo sacrilégio e pela impiedade.

CHILUME⁷

Caminho distante
Ladeira missionária
Palco de alvitre.
Um caminho de pedestre de dores
Chicotadas e odores.

Chilume
Caminho distante
Ladeira missionária
Refletida pelo encanto da alvorada,
Com ervas e pedras de sangue,
Graça endiabrada
Sorrindo o cristo que vai a pé.

Chilume
Uma filha, uma donzela.
Um mistério da minha terra.
Chilume...
Caminho que une corações.
União tão pura e bela
Que o mundo maldizente
Na ação mais inocente, se pergunta como existe.

⁷ Missão evangélica. Dista a 3,2 Km do centro da vila do Bailundo.
Um dos locais turísticos do reino.

DO CIMO DA MONTANHA...

Para além
De uma visão multicolor
Um horizonte infausto,
Incansável funileiro,
Kupapata fugaz,
Sobre o fúlvido de Ekuikui,
Seu coração é nosso fulcro.

Do cimo da montanha
O tempo escorrendo no silêncio da palavra
Sem revolta,
Das feridas que raiam na armadilha,
No cárcere da raiva contida,
Pelo passado amargo, da escravidão cometida.

É do cimo da montanha
Que vemos o serpentear das ruas da manhã
Entrelaçadas na infelicidade
Do sopro da história.

OLHARES DE SOLIDÃO

As vezes
Vejo no olhar do meu povo, solidão!
Desejos titubeantes,
Na sua afirmação.
Ho, pobres habitantes...

Habitantes mortos mas em vida,
Tilintando pela embriagues da alma.
Pobre alma...
Que sofre sem lembrar nem falar
Da causa que o deixa a tilintar.

Olhares de solidão
Numa voz gritando saudade
Choros histéricos de lagrima
Num som da viola crepitante
Sob gatafunhos indecifráveis.

BRUXEDO

– Kulete! Eyemuele. “ não vêm! É ele mesmo ”

– Kuati, waponda... “ segurem-no, matou ”

Assim somos nós,

Nas sombras a tatear o nada.

Mentes que aos poucos se esvazia

Enchendo-se de magia,

Encarcerada na macumba,

Adotando o estilo Africano de vida...

...vida pobre,

Vida mingua, onde;

Um olhar

Um falar

Um sorriso

Um choro

É motivo bastante,

Para uma culpa sem dono.

Há Bruxedo, há Bruxedo!

Quem o trouxe no mundo!

Saber eu desejo.

– Utuali ku soma⁸, “levem-no ao soba”

– Atumãñle kolomango⁹. “ façam-no sentar na cadeira de julgamento ”

– Etchy otchiliangu¹⁰. “ esse é bruxo ”

– Waponda omoletu. “ matou o nosso filho ”

Naquelas falas obscuras e de medo

Se ver podia

A amargura duma alma sentenciada.

E seu sangue,

Causando o flagelo sobre a cidade.

Além do olhar vencido

Cheio de mágoa e “feitiço”.

No imo da alma

Há já um coração que mata.

⁸ Do étimo Umbundu: líder de uma comunidade.

⁹ Do étimo Umbundu: cadeira onde se senta os réus, num julgamento tradicional dirigido pelo rei ou o Soma(Soba).

¹⁰ Do étimo Umbundu: feiticeiro ou bruxo.

E quando uma alma se mancha,
Uma mente se mente,
A terra em amor a sua gente sente,
Crescer seja como for
Cobiças de transpor.

Bruxedo.
Vírus de pseudônimo odioso,
Sevicio e mentiroso,
Cintilando ódio.

DISSERAM QUE NÃO OUVIRAM, MAS OUVIRAM AFINAL!

Quando as regiões longínquas do nada
Caiem num retumbante baque!

Ninguém ouve os choros dos idosos
Ninguém ouve os gritos de socorros
Ninguém ouve os camponeses, nem chorando no ritmo dos batuques
vaidosos.
E as crianças famintas! Ora essa, nem existem.

Mas, diante à xantocroide raça loura,
Loura por conveniência;
Rufam-se os trombones
O reino todo se levanta,
E sentenciam-se os possíveis agressores.

Sentença justa ou não
Ninguém ousa questionar a sentença do soba
Sob pena de visitar mais cedo a masmorra.

Esses, que também se denominam brancos por dentro,
Como se o negro, fosse negro até no interior.
E mesmo que o fosse,
Nada mudava, pois seria o escuro no escuro.
E eles, ainda que se valessem de ser brancos por dentro,
Nada mudava, pois seria um branco oculto.

Face a esta indiferença,
Que ouçam aos que quiserem ouvir.
E que os choros dos ingloriosos
Transformem em ritmos dançantes.

AS PALAVRAS DOS TEUS OLHOS FALAM

Sem mentiras, falsidades ou perjuros!
 De Luvemba¹¹ ao Lunge¹²
 Brota no arvoredos
 Um amor! Amor que instilas
 Pelos olhos no peito teus afetos,
 Que tem o poder
 Sobre os doces talamos.
 Mas que devasta o prazer aos bígamos.

O palavrear dos teus olhos
 Fenotipicamente belos.
 Ó terra vermelha,
 Do sangue às arredas.

– Do bairro hospital ao chilume!
 Por fumo e sangue
 Falas núpcias funestas.

– Das zonas do bulício ao catucutuco¹³!
 As águas queimam a alma do corpo sedento.

– Do aeroporto sem pista.
 Falas sossegado às escadas para o céu,
 Na ausência da fechadura de noite clara.

Ó terra que pinta abrolhos
 Nos rostos dos sonhos naufragados.
 As palavras dos teus olhos falam,
 Tal qual abelha às flores,
 Faz voo aos corações.

¹¹ Comuna do município do Bailundo

¹² Comuna do município do Bailundo

¹³ Nome dado a uma fonte de água que fornece quase todo interior do município, na época seca.

NÃO TE IRRITES¹⁴

Irrita sim!
Lança um, e vence vinte e um.
Lança dois,
Lança três.
– Ó, põe o cumbu,
– Já te comi com seis.
E não comeu afinal.

Não te irrite.
Jogo da mãe sorte,
Enganando gente com fome,
Apostando a língua e a alma.

Não te irrite
Era para ser um jogo de brinde
Amigável, divertindo a juventude.

Não te irrite.
É o que não é,
Não é o que se vê,
É o que não diz,
E não diz como é infeliz.

¹⁴ Um tipo de jogo desenvolvido nas periferias de Luanda que se espalhou por todo país. Um jogo que é contrário ao nome que lhe foi atribuído. Pois, muitas vezes, de uma diversão resulta em apostas, pancadarias e morte.

AQUELA ESBELTA MULHER

Entre mulheres, a mais bela!
 É de meu reino.
 Aquela que exala seu perfume a todo instante,
 Assoma ágil e rápida pantera,
 Tendo a pele por malhas cambiante.

Aquela esbelta mulher
 Como quem lucro anela noite e dia,
 Por dama é tão bela e donosa,
 Com os olhos mais brilhantes que a estrela radiosa.

Háááá, os seus lábios!
 Cobertos de doces molhos
 Seu fogo insano me assalta,
 De um anjo com voz, falando-me piedosa.

Háááá, meu reino...
 Que no mundo gozas de fama tão sonora
 Abranda o fogo de tua filha poderosa.
 Tão esbelta,
 Como no outono a rama principia,
 As flores da cidade a perder, na sua beleza despida
 Dando à terra o que à terra pertencia.

Aquela esbelta mulher
 É claramente do reino
 A fonte de poder.

Mulher que punge e excita.
 No céu, é entre as rainhas bem conhecida;
 Nobre esposa
 De amor concebido na alma
 A bela estrela, de amor auspiciosa.

Sorrir faz o reino, e todo oriente
 Vela toda gente, que a segue, luminosa.

TEWA TEWA¹⁵

Assim chamado doce rio
 Pelo serpentear das águas com rocha
 Altivo e ondulada,
 Goteja orvalho límpido,
 Que clara fonte forma.
 E tanto cumpre, doando-se ao campo
 Depois, que pelas chuvas é saciado.

Lá no tewa tewa,
 Maravilha natural da minha terra!
 A gente minha
 Nas suas águas lava
 Roupas de escarlata.
 E por conseguinte as enxuga
 Ao abrigo das rochas.

De minha vizinha
 É que ouvi primeiro.
 Que suas ondas, são como o mar
 Mar vaidoso e pomposo.

O furor te ocupa ó rio belo,
 – Mas donde o furor veio!
 Do oceano da vida entre álamos frondosos.
 Água pura,
 Fonte que alimenta
 Nossas terras languidas.

E o arco-íris! Sim, o arco-íris,
 É o horizonte, da forma cristalina
 Entre a luz e a pureza,
 Que torna no tewa tewa
 Água de uma clara fonte,
 Onde pode-se saciar a ardente sede.

Tewa tewa
 Fonte da vida Bailunda
 Na gravidez do ventre dos séculos.

¹⁵ Um dos grandes rios do município do Bailundo

VIDA NÃO LIDA

Leio vidas e releio
Tento viver os contos
Mas em nenhum me encontro.

Vivo e revivo
Momentos ruins,
Em minha mente me enrolo,
Porque os bons,
Foram arrastados pela maré do tempo.

Com sonhos impossíveis em terra celeste,
Cá fico no exílio terrestre.
Alimentando ideias,
Que a muito,
Foram esquecidas,
Mortas,
No desconhecido enterradas.

Crio vidas e mortes
Em minha mente.
Desejo maravilhosas vidas,
Vividas por defuntos.
E nos fundos
Das vidas postas ao mundo
Minha é única
Vida não lida.

AMOR QUE SALVA

Vejo cego
 E cegamente vejo,
 Um amor no fundo do poço
 Pirilampeando a crer-se bondoso.

De sua luz
 Que de antes alguém me falara,
 Para mim, somente para mim brilhara
 De tanto luzir sua pureza se aumentara,
 Seguida de uma voz suave, e assim dizendo;
 – A luz eterna que há em mim
 A mesma pela qual me inspiro
 Fez-me contemplar e ler
 Teu pensamento confuso
 Que sabendo eu da origem lhe compreendo.

Sentido fiquei...
 – Tu me queres salvar
 Ou ainda mais me afundar?
 Questionei.

Pirilampeando retorquiu;
 – Ninguém te ajudará
 Se não disser que entende tua dor.
 Eu sou o amor
 E lhe digo
 Que nem sempre caminho onde se prospera.

Devo estar num sono profundo
 Na minha quase eterna melancolia,
 E este deve ser um sonho.
 – Pensava.
 Mas continuei doar-lhe os ouvidos.
 – Sou a salvação.
 Caminho também na eterna culpa dos homens
 Para dar-lhes a desculpa sem provação.
 Sou a alça da vida,
 Caminho na insegurança dos fracos
 E lhes dou a exata explicação que lhes reserva
 E tão sábios concelhos que lhes afasta da torvada.

– Quanto a mim, como me salvas?

Perguntei!

– Quanto à ti

De um só te falarei

Pois, num só se encerra.

– Repita!

Exigi-lhe a clareza.

– Receba o amor próprio em sua corte

E do outro amante.

Para fazer minha linguagem clara...

Dê a ti mesmo teu coração inteiro,

E verás o amor voltar-lhe em dobro

E cada vez mais forte.

HOLOCAUSTO

Numa cabeça as duas se não tornado.
Confundidos estavam dois semblantes,
Num rosto em que se haviam misturado.

São dois, que eram quatro de antes.
Foram justiça, tolerância, paz e respeito.
Palavras que nunca não são semelhantes.
Hoje!
Sobraram apenas
Guerra e morte.

Espalhou-se assim para todos o primeiro aspecto.
Serem dois, e nenhum nessa figura
Se via responsável pela má conduta,
Ou pelo monstro solto,
Que foi-se a passo estreito,
Levando consigo
O que de todos era por direito.

E quando o fervor canicular se aperra,
Cruza o povo, como o raio à estrada.

E lá estamos nós
Banhados na raiva envergonhada.
A guerra e a paz a nós,
Sobre solfa
Parafrazearam sua candura.

Sim!
Era mesmo nós
Que sob o ritmo das balas
Dançávamos desgostos.

Era um holocausto
Por eles imposto.

O SEGREDO DA MULEMBA¹⁶

Eram amantes afinal.
Encantada com os beijos,
Eram traiçoeiros por sinal.

Sobre a mulemba
Amores proibidos
Abusando da inocência da velha.
Ó velha mulemba! Afinal
Sabia guardar segredos.

Passou
Passou e passou.
Um olá enamorado,
Dava-lhe sempre conforto.
Se dependesse da mulemba velha
Seria ela o palácio dos amores.

Em curral que não tem gado
Não tem que cheirar os lobos,
Se o querem mais explicado.

Quem dera à mulemba
O poder da fala.
E feito espia
Com alguma malfeitoria
Tornar-se cantatriz
Denunciando a mancebia.

Eram mancebianos
Conspirando contra seus amados.

¹⁶ Árvore da família das moráceas, apresenta porte elevado, chegando a atingir 15 a 20m de altura. Voluptuosa e muito ramificada, sendo apreciada pela sombra que produz.

AMARGO SOLILÓQUIO

O próprio eu comigo
É a força a Que me impele
Minha liberdade anela
Mas sabe-o bem quem por ele a vida expele

Ho minha gente
Por vós pecados me enchem
No lugar que vos obedece

E se ouvirdes este amargo solilóquio
Sabereis pois
Que vossa terra cada vez mais longe do mundo
Em juízo há de ser de luz tão clara.
Lá onde baixa o ponto derradeiro do mar batido.

E de lá
Como o embate das ondas as rochas caprichoso
Tornar útil vos serei.
Me vereis ao sol que surge, dar o melhor passo
Para subir do monte a penedia.

Se ouvirdes este amargo soliloquio!
O próprio eu comigo,
Que desbotara meu inferno nevoento,
Vos mostrará, minhas lagrimosas faces de tormento.

E a voz, há sim, voz
Que subjugastes meu amor,
Sabeis pois,
Que me vou;
Pela fraude do vosso amor pelo próximo,
Por vossa alma impura,
Que molesta e amofina
Estar em volta no corpóreo manto sagrado.

SE SOUBESSEM...

Soubessem à custa de que esforços aparento ter calma!
 Se imaginassem os vulcões
 Os se terremotos
 As misérias
 Dentro de mim contidos!
 O desejo de apenas ouvir
 A quantidade de abrolhos
 Que dispendo para não explodir!

Se pudessem visionar num écran
 Os inomináveis pensamentos
 Que frequentemente a cabeça me encham,
 O silêncio misterioso das minha lágrimas e gritos,
 Quem deitam ao leito me impedem!

Ha se pudessem...
 Ha, se pudessem medir o grau da minha ambição
 A quantidade de ar que necessito para viver,
 A maré de sangue para encher o meu leito de satisfação
 As elevadas alturas em que almejo voar!

Se pudessem ao menos imaginar
 Meus incautos transeuntes
 Em noites de insónia, o abandono do luar.
 A virgindade da língua, e os dentes sorridentes
 O medo que ninguém me pregue o caixão,
 E surripiar a vanglória da compaixão.

Se soubessem da minha ansiedade,
 De revelar nos versos a verdadeira falsidade;
 Nos lábios do flautista
 Nos sorriso da bala
 Na sinuosidade opaca do destino
 No tan-tan do esperançoso gongo africano
 Nos ladrões noturnos de palavras modulares,
 Na batucada do tempo ofegante
 No orgasmo do tempo cambiante.

LAMENTO

Lamento por minha vida
 Lamento por minha alma ferida.
 Lamento pelo que tenho,
 Lamento pelo que não tenho.

Lamento lamentar,
 Não é meu desejo chorar,
 Nem quero eu me perdoar;
 Pela mulher que não amei
 Pela meretriz que não desejei
 Pelos cantos mais vulgares que não entoei
 Pelas amantes mais belas que renunciei.

Este lamento não é apenas para mim;
 É também para ti que clamas esgotado
 Ralhando Deus pelo fardo pesado.
 Para ti que estas manietado por ventos vadios
 Nas tempestades alheias.
 Para ti que na mania de vencer
 Com todas as forças rema contra a maré,
 Mesmo que a velocidade que o vento ostenta
 Lhe grite bem alto para parar.

Lamento;
 Lamento o pânico geral na colmeia de obreiros
 Lamento as melodias desafinadas nas vozes ancestrais
 Lamento os perfumes negros temperados de catíngua
 Lamento...

Lamento não é arrependimento.
 Lamento é queixa, é pranto
 Lamento é gemido, é choro.
 E se choro é porque lamento.

Este lamento não é uma prece de obrigação
 É um encontro de sujeição.
 Não é uma prática perfeita,
 É um ato de compreensão sem receita.
 É o amor que não se espera,
 É o desfilar das catorzinhas sem regra.

Este lamento é o sexo praticado com vaidade,
 No olhar inocente da virgindade.

Este lamento é do sangue virginal derramado sobre o capim,
 Que não foi chorado nem cantado pelas mulheres,
 Como deveria em afirmações honrosas.

Lamento pelas zungueiras
 Que tem que ser guerreiras mesmo sem guerra.
 Lamento ser pobre,
 Lamento não ter sorte.
 Lamento viver,
 Lamento morrer.
 Lamento servir, lamento não agir.
 Lamento a indignidade do silêncio
 Cantando a valsa da morte
 No turbilhão da mira da azagaia.

Lamento os beijos roubados
 Sonhos traídos,
 Amores à primeira vista
 E as cachorras ou talvez galinhas sem ninhos por todos os becos,
 Com corpos quentes aquecendo a madrugada.

Lamento meu simples e pobre modo de viver.
 Dá-me prazer de derramar milhões de lágrimas,
 Em nome de um infausto sepulto
 Em nome de todos os mortos
 E dos cadáveres vivos deste reino.

Neste lamento...
 Tem dia e tem noite.
 Tem lágrimas e somente lágrimas,
 Tem escuridão e tem servidão
 Tem fanatismo e traição
 Tem a fonte da minha amargura
 E...
 As patas rotas da minha mãe
 A mão emberbulhada por trabalhos,
 O joelho deformado por orações,
 O rosto queimado pelo sol.

Este lamento é uma oração para Deus.

SUBÚRBIOS

Espreita-se as chuvas
Com lágrimas de uvas
Choram as viúvas.
Pois, se inundam as cubatas.
Sem o calor do amado
Vêm-se mortas no cruel fado.

Subúrbios,
Que na calada da noite vê-se o génio da morte
Espreitando o mais nobre,
Sem dó
Barganha com a fome
Negociando a volta ao pó.

Estes subúrbios
Contra a vontade divina
Vê-se a força infinita.
Contra a vontade terrena,
Vê-se o poder do soba.

Nessa terra
Subúrbios é lugar de dor e de lágrimas.
Subúrbios são súbditos.
Subúrbios são esquecidos.
Subúrbios pra os potentados são Bruxos.

PECADO MORTAL

Ó menina e moça,
 Submeti-me a sua regra estreita
 E do mundo me apartei,
 Jurei, seus preceitos me sujeitei

Roubaste-me a paz de espírito
 Mais a maldade do que ao bem, me terás acostumado.
 Mas sabe Deus o meu viver,
 Ao seu lado penado.

E este negro espírito
 Que outrora era fúlgido!
 É meu, que se escurece como o céu nublado.

Agora, o que direi aos meus confrades?
 O que direi a Deus?
 Como me livrar das azas do mal,
 Face a este pecado mortal?

Ó menina e moça.
 Como fui lhe roubar a pureza!
 És tão pequena,
 Como fui me encantar por tua imatura beleza?
 Como fui lhe roubar a inocência?

Agora! o que digo de mim?
 O que digo de ti?
 Quem me dirá que entende?

Ó menina e moça.
 Sendo eu sacerdote,
 Como tornei o teu amor de menina
 A um amor profundo e consciente,
 Para entregar-se arfante a ti!

Como fui lhe arrancar em sã consciência
 O teu santo véu
 Que a pureza e a inocência
 A fonte prende?

VERDADE CAMUFLADA

Em África regra geral
As aldeias surgem no cruzamento
Entre duas pistas
Ou entre dois trilhos.

Por baixo de uma árvore secular
Perto de um rio ou de uma nascente
Crescente ou decrescente
Que se possam servir sem calcular.

Uma realidade
Camuflada no rosto do mundo
De uma miséria desgastante
Complexada no orgulho.

Nas matas desta terra
Camuflada no verde sombrio
Do arvoredos.
As sanzalas
Nunca se assumem como aldeia.
Os trilhos conduzem a uma só cubata
E só mais longe uma à outra.

Diluída na paisagem,
A aldeia deixa de ser um objetivo
Para eventuais doações.

Voam, voam sem destino próprio
Fugindo de suas culturas,
Tendo apenas a negritude
Como salvaguarda de seus valores culturais.

Nos campos verdes de ervas daninha!
- Planta-se a miséria
- Planta-se a nudez
- Planta-se a mesquinhez
- Planta-se história
- Planta-se esperança
- Plantam, apenas plantam...

TERRA DE NEGROS

Encruzilhada sedenta
Mar de egos
Da alta voz
Com sangue que esquenta.

Terra de negros
Do bem e do mal
Da bondade e da inveja sem sal,
Rua da culpa dos negros.

Notória e sem notas
Terra de patas pro ar
Com mercúrios nas solas.

Terra de cor bolorenta,
Terra de alma sangrenta.
Terra minha,
Terra tua,
Terra nossa,
Vestida a matagal
Das cores de carnaval.

O VENTRE DA MINHA MÃE

O ventre da minha mãe
É a fonte da vida.
É a nascente única perfeita
É a fonte de luz que não se põe.

O ventre da minha mãe,
É a fonte de grandes destinos
É o ponto que alcança universos.
O ventre da minha mãe
É feito de estrelas para criar,
Para vidas desbotar,
Para vidas cultivar,
Para vidas preservar.

O ventre da minha mãe
É o vento em movimento
É a liberdade das nuvens
É o globo cercado pelo mundo.
O ventre da minha mãe
É o mundo e a fonte de vida dos homens.

E DE REPENTE...

E de repente o Bailundo acordou
 O mistério ruiu
 E a gente se descobriu.

E de repente sentiu-se a ausência dos mortos,
 Das vidas perdidas em abortos,
 Dos heróis que sucumbiram de desgosto.

E de repente, o gongo da igreja não tocou;
 - Os fieis não acordaram
 Os padres não pregaram
 Os velhos não se preocuparam
 Ninguém temeu.

E de repente, sem partidos.
 Sem religiões, sem hinos.
 Sem fanatismos, Sem dinheiros
 Sem posses, Sem cargos.
 E de repente ninguém é ninguém.
 E de repente voltou;
 O brilho da cidade que adormecera,
 O vazio da ausência dos nossos mortos.

E de repente sim,
 Como um bumerangue voltou;
 Nossos sonhos enterrados
 Nossas verdades,
 Nossas certezas
 E nossas dúvidas...

E de repente as pessoas se amaram;
 Na cubata que construíram
 No campo que cultivaram
 Na fonte onde o caporoto¹⁷ beberam,
 Desfrutando o belo.

E de repente o pobre é rico,
 O rico é pobre,
 Tentando equilibrar o sofrimento.
 O que Diriam!
 Grande sarilho.

¹⁷ Bebida alcoólica caseira, muito apreciada nas zonas rurais do município.

VELHA CHICA

De sol a sol consome os dias,
De sol a sol desvela as noites,
De sol a sol assoma as faces,
De sol a sol vislumbra de alegria.

Velha chica
Nossa velha chorosa
Nossa sanzala glamorosa,
Nossa raiz de nascença
Nossa rosa sem pétala,
Nossa ama descalça.

Velha chica
Nossa chica.
Muito chora,
Pouco ou nunca ri
Nunca larga os remos.
Sempre morta
Mas em seu ventre vivemos.

Velha chica
De noite a noite chora desmedida
De noite a noite ora sem medida
- Toda manhã
Mostra o rosto mal enxuto
Sinais de ter chorado.
Parece a poder de cansada
Estar serena,
Mas sempre enamorada.

SONHAR, SOB UMA CUBATA

Que pobre sonhar.
Mais que o negro sol no entanto,
Cada vez mais se aparta,
E se desfaz o encanto.

Nas sedes do infinito
Ó alma em vão te abrasas.
Meu sonhar prende-me ao solo o corpo,
E nossos corpos não têm asas...
Não tem, não pode ter.
Não sob uma cubata de palhas.

Mas todos no musseque por instinto
Já sentiram por certo,
O mesmo que em mim sinto...

... Em sonhos
Cobiças de transpor
Anseios de subir.
Quando na madrugada
Em giros se vê ir
Subindo pelo azul a esperta cotovia
Que, já sumida a vista
Ainda seu medonho canto envia.

Pobre sonho meu
Queria saber quem me ofereceu
Pois de tais sonhos minha mente enfureceu.

ORAÇÃO DOS POBRES

Nada nos perturba
Nada nos espanta
Tudo passa.
Deus não muda
A paciência tudo alcança
Mesmo nua e descalça.

Tudo é nada
Nada não existe
Quem a Deus tem
Nada lhe falta
Só Deus basta.

A IRONIA DO CAPITÃO

Desenhem no meu epitáfio
Meu rosto,
De morto insatisfeito.

Escrevam no meu epitáfio
O que fiz e o que não fiz, quando e vida,
Especialmente o que não fiz
Pois fiz nada em vida toda.

Relatem o que fui e o que não fui
Especialmente o que não fui,
Pois fui nada em vida toda.

Escrevam pobre
Escrevam sem sorte
Escrevam sonhador
Escrevam burlador.

Seja verdade ou mentira
Escrevam tudo e nada.
Façam correr tintas
De palavras negativas.

No meu epitáfio
Escrevam as minhas loucuras
As minhas tolices e burrices.
Citem o meu fracasso
No ingresso ao esculápio.

Façam ecoar o meu grito de revolta
Entoem o meu hino da derrota
Fracassado, fracassado, fracassado
Revoltado com ideias em branco.
Fracassado, fracassado, fracassado
Revoltado com os senhores do passado.

No meu epitáfio
Escrevam tudo e nada
Seja verdade ou mentira,
Eis a oportunidade pra lançar sua injúria.

DESISTÊNCIA

Desisto! Eu vou.
Pra onde não sei,
Mas irei.
Andando aos passos que sementei,
Em companhia do sonho que sonhei.

Ainda que o lento deslizar dos dias que passam
Tragam leveza em minha vida.
Desisto! Eu vou.
A busca da lenda já perdida
Tão longe para me acudir
Do mar da vida que me quer engolir.

Ainda que a guerra
Condoer-se a noite à chuva pelos beijos,
Abraçar com volúpia o céu e a terra,
Empantufar-se e crer-se bondosa,
Outorgando vénia!
Eu vou...
Pois, mesmo não quitando a vida
Já estava eu na sepultura.

Vou e darei-me em louco.
Trarei esvaído o juízo,
Para durar bem pouco
As horas do meu paraíso.

Segundo a etnografia
Cada um é para o que nasce.
E eu vou em busca da minha raiz felonia,
Aquele é que tem dito
Não me fez moço e bonito.

ANTES DE MORRER

Antes de morrer...

Aqui não vê-se nuvem clara ou escura
Apenas tremor e grito
Sendo o único movimento.

Antes de morrer...

Quando já está turvo o sentimento,
A alma se ala ao céu, que a chama,
Fingindo que tem de alçar-se a liberdade
Por força do desejo, em que se inflama.

Antes de morrer...

Um louvor é cantado
Rogando para que alma seja recebida
Pelo senhor
Em sua causa declarada.

Na turba da sanzala, antes de morrer
Muitas vezes, da dúvida surge o conflito
Por aparência errônea e suscitado.
Por falta de indulgência é questionado,
Por ser no círculo a avaros destinado
Livrar da alma um eterno fado
Até que a exata causa surja ao espírito.

Antes de Morrer...

A pobre sanzala torna-se penitente.
Com rios de lágrimas choram de avareza,
Por terem sido na pobreza renitentes.
E a culpa que carrega contrária essência
É uma pena que se dá conjuntamente
No martírio expurgando a virulência
Que a minha sanzala carrega,
Na imposição dos nobres e sua crueza.

A SENTENÇA DO POBRE À POBREZA

- Ó pobreza filha da morte!
 É bem de minha vontade
 E contra a tua,
 Que te vou prender por indissolúveis cárceres,
 A um inóspito rochedo.

Não ouvirás nenhuma voz melancólica
 Para que te alimente a existência,
 Nem verás o semblante de um único filho desta terra
 Para acalentar o teu olhar hipócrita.

E no cárcere...
 Onde estarás queimando lentamente
 Pelos raios ardentes do sol,
 Terás calcinado a epiderme.

E no cárcere...
 Onde a noite de luar tardará
 E lhe negar a luz da manhã!
 Lembrar-te-ás de como nos negaste sonhos
 De como nos negaste sorrisos
 De como te rias dos nossos gritos,
 De como eram secos nossos olhos.

E no cárcere...
 Onde os sol recusar-se-á em secar o orvalho matinal,
 Onde oprimir-te-á o peso de uma dor incessante!
 Saberás o viver de um dia após o outro
 Aguardando com ansiedade pela morte.
 Saberás o viver na escuridão das noites gritantes,
 Conhecerás a fome que fizeste brotar em cada boca
 Dessa gente inocente.

E no silêncio carcereiro
 Essa gente Bailunda;
 Da velha chica,
 Com netos sem seu sobrenome;
 Da boa vista,
 Mas com uma visão embaciada;

Da pista sem pista;
Da chitalela¹⁸,
De filhos fortes como a chita;
Do calueyo¹⁹,
Como a vassoura;
Do chilume,
Da pilha seca

Todos que por ti sofreram retaliações
Me dirão que lhes dei uma dádiva tal
Que ultrapassou todas as prerrogativas possíveis.

¹⁸ Bairro das periferias do município.

¹⁹ Bairro das periferias do município. Do étimo Umbundu: vassoura pequena.

MEU LINDO POEMA

Meu mais lindo poema
É pobre
Sem vida
Muito nobre,
Sem luz nem sorte.

Meu lindo poema
Começou na fortaleza da solidão,
Como o gato mia
Encarando solitário, o cão.

Meu lindo poema
Foi escrito
Com bitacaias²⁰ desfilando os dedos.
Por isso contém verdades.

Este poema não é sentimental,
Talvez! Pessoal
Com vidas envolvidas,
Em lágrimas mergulhadas,
No nada deixadas.

Meu mais lindo poema
É triste,
Mas não quer pena.
Não tem vida,
Mas não quer condolência.
Não tem luz,
Mas não quer clareza.
Não rima,
Mas não quer versos.
É pobre,
Mas não quer riqueza.

Meu mais lindo poema
É para todos e para ninguém.
Quer tudo e nada.
Este poema é de um zé ninguém.

²⁰ Também conhecido como Bicho-de-pé, é um inseto da família dos tungídeos. Que penetram os dedos do pé ou do braço e se criam dentro deles. Causando uma coceira insuportável e deixam os dedos deformados se não forem removidos a tempo.

TERRA FEIA. CONFISSÃO SEM MALDADE

Nasci de uma terra perdida
Gerou-me um salteador.
A mãe roubou-me a vida
O pai transformou-me em flor.

Saltou-me a irmã vizinha,
Do fresco seu coval,
Mudou-me em avezinha
No agreste matagal.

Fugi da terra feia,
Vim ser feliz nas letras e no ar.
Aqui só me recreia,
Imaginar e voar, voar e imaginar.

QUEM É POBRE?

Não tenho dinheiro,
Fizei-me ganhar ...
– ser pobre é ser parvo.
Eles dizem
– espírito nobre!
Outros respondem.
– salvem-nos de pobre
Pergunta de um alto engenho.

MEU POVO AINDA ESTÁ NA CRUZ

Na cruz de seus negros pensamentos
Na cruz de seus segredos,
Na cruz do passado funesto.

Meu povo ainda está na cruz da ganância
Da inveja e da ignorância.
Na cruz do desejo insaciável pelo poder.
Na cruz da negra magia.

Na cruz do conhecimento da miséria absoluta.
Na cruz das bandeiras
Dos hinos e credos,
Das verdades tolas sobre os guetos,
Na cruz da verdadeira cor de Jesus.

Há, meu povo!!!
Ainda está preso na cruz do calvário,
No sofrimento das rezes, fugindo o purgatório,
E na eterna simplificação da vida.

CANTOS NATALÍCIOS NA TURBA

Cristo nasce
Cantai alturas
Paz às criaturas
Salvas e seguras
Da prisão da fome maldita.

Em volta a manjedoura ao redentor
Entoemos a nova lei do amor
E do mal que nos cerca.

É natal
Nasceu cristo amante
Ileso, triunfante.
De tanta provação
Traz por coroa ufana
Humana salvação.

Cristo que renasce para o trono paterno,
Deus de Deus, luz da luz sempiterno.
Perenal criador incriado.

Cristo nasce
Cantai com a mais alta voz das alturas
Para dar paz às nossas criaturas
E assim sejam salvas e seguras
Da prisão da fome maldita.

UMA BOTA DE BORRACHA PARA MIM...

Para mim que vagueio neste mapa;
 Mapa sem ruas,
 Mapa fundo sem ruas
 Mapa ferido com o sangue de várias vidas
 Mapa que não reconhece gente como eu
 Mapa que não se vê gente que por ele morreu
 Mapa que dá a vida aos que não conheceu.

Enfim, para mim!
 Uma bota de borracha que sorri;
 Para rodar a rotunda em volta de EKUIKUI
 Para alegrar meu dia Solitário
 Mendigando sem fim
 Sem que me queixe do tempo magro
 Nem do asfalto quente e afiado.

Não pergunte por que peço as botas de borracha
 Pergunte quem sou,
 Perto da terra da minha infância.

Pergunte!
 Quem sou no palco do teatro da vida.
 Quem sou no navio dos pobres,
 Quem sou aos olhos dos meu progenitores,
 Quem sou aos olhos dos meus imaginários seguidores,

Se ainda não saberes quem sou
 E por que peço as botas de borracha!
 Pergunte ao Bailundo que me gerou.

Dirá que sou um filho bastardo
 Que num mendigo se tornou.

HOMEM DO CHINÓ

A sabedoria grita nas ruas
 Levanta sua voz nas praças
 Clama do alto dos muros
 E profere o meu nome em toda cidade dizendo!
 Já lá se vai o homem do chinó.

Mas não fui eu
 Quem prometeu ao pobre
 Provar do vinho do santo padre
 Para que se tornasse nobre,
 Ou as freiras fustigarem seus prazeres
 Em troca da eternidade.

Nem fui eu,
 Quem disse ao sacerdote
 Para abdicar de sua fertilidade
 Nem aos pastores encherem seus cafocolos²¹
 Sacrificando os dos fiéis.
 Mas sempre que passo pelos portões da igreja
 Os fiéis gritam para mim!
 – Já lá se vai o homem do chinó

Mas se alguém passou a perna a sua majestade
 E se deitou com as viúvas e virgens da cidade,
 Não culpem a mim!
 Pois, não fui eu,
 Quem deu o caporoto
 Que aliciou e embriagou a alma das virgens
 Nem prometi prazer as viúvas
 Para tomar o lugar de seus cônjuges.

Mas ainda assim,
 Ainda assim,
 Sempre que passo próximo ao cemitério!
 As almas dos cônjuges das viúvas e a pureza morta das virgens
 Gritam para mim revoltadas!
 – Já lá se vai o homem do chinó
 Levando consigo a pureza de nossas senhoras.

²¹ Do étimo Umbundu: Bolsos escondidos que se guardam principalmente coisas conseguidas de forma ilícita ou coisas que não queremos que os outros vejam ou tenham um fácil acesso.

Chamam-me homem do chinó
O poeta sem coração,
O traidor, sem religião,
Fingindo ser santo
Dormindo ao amar, amando ao dormir.
Mas tudo que faço é borrar de tinta os papeis
Escrevendo histórias,
Poetizando vidas,
Descrevendo sonhos e cidades
Criando jovens sem idades,
Jovens solitários, amantes, e cantantes.
Dando cores e apagando dores.

Não fui eu quem traio os poetas.
Sou apenas um escritor de vidas
Fazendo mortes e pagando pelas minhas dividas.
– Servi um pouco de vinho aos poetas admito,
Mas não os embriaguei,
Não enganei seu povo do musseque
Não roubei beijos que seriam para eles,
Nem nunca ocultei o sofrimento dos meus confrades.

Mas ainda assim,
Ainda assim,
Sempre que passo próximo aos poetas
Eles gritam para mim!
– Já lá se vai o homem do chinó.

SALVEM O BAILUNDO

Onde cada vez mais torna-se
 Numa orquestra de cadáveres.
 Onde em morte
 As honras cabem as ditas pessoas especiais,
 E aos pobres, um buquê de flores aos funerais.
 Onde os fiéis são infiéis,
 Onde as igrejas e seitas
 São gatafunhos de exploração crepitantes,
 Prometendo imortalidade aos crentes
 Com indulgências banhadas no cheiro acre da morte.

Salvem o Bailundo
 Onde a atitude dos ditos chefes
 Conjuga-se com o sangue demoníaco
 Das entranhas feiticistas do mundo.
 Onde o ódio e a maldade,
 Estão disfarçados de sorrisos na hipocrisia das almas
 Gritando abundantes misérias.
 Onde a loucura é arauto do próprio mérito
 A ecoar por toda a parte as suas próprias glórias.

Onde em terras de sangue e piedade
 O orvalho matinal é que mata a ardente sede
 E refresca o calor do momento.

Salvai, salvai o Bailundo
 Ó sopro alado dos ventos
 Regatos e rios,
 Ondas inumeráveis que agitais as superfícies dos rios
 Salvai o Bailundo,
 A terra mãe de todos os reinos.

E tu ó sol
 Cujos olhares aquecem a natureza,
 Vede o sofrimento do Bailundo
 Que recebe um Deus de gente branca.
 Vede a que suplício ficamos sujeitos
 A milhares de anos!
 Óh, óh!!!
 Eis-me a gemer pelos males presentes e futuros.

Se ai de nós! Sim, ai de nós.
Pois os benefícios que demos aos colonialistas
Atraem-nos esse terror.
Eis o crime cuja explicação fora acorrentada a um penedo
Onde estamos expostos a todas as injúrias.

E se virem um negro
Desejando ser branco,
É o Bailundo que vem!
Se virem um pobre mendigo
Distraíndo suas mágoas
Pela solidão dos caminhos dos campos
Filosofando sua tristeza,
É o Bailundo que chora.

Se virem um negro ser contemplado
Por seu sofrimento
Coberto de correntes,
Um homem desgraçado
Incurso na cólera do colono
Odiado por todas as raças que frequentam o mundo!
É certamente o Bailundo que vem
Desfilando a nudez da miséria.

DESABAFO (ALGURES DE UM MUNÍCIPE)

Ó vós que sereis sempre os chefes
Mais respeitados desse reino...

...se ainda prezais as famílias dos pobres!
Ides aos musseques
Ouvir tristes notícias,
Receber profundos golpes
Sofrer lutosos desgostos.

Pois, é vossa a atitude de Zeus
Que nos faz profanar contra Deus.

Agora!
Cremos que nem as águas do kuanza
Nem a benção do santo PAPA
Seriam bastante para purificar nossa casa...

NADA DE JURAMENTOS

De forma alguma
Se o conspecto dos homens,
O que na alma já sofremos,
Os abusos dos tais ditos políticos e nobres,
Se tudo isso não for motivo suficiente!
Nesse caso seria melhor não prosseguirmos
E aos leitos preguiçosos retornarmos.

Que faça o que entender a tirania política
Sorteando nossa morte quando o queira.

Porém, se estas razões do que estou certo
Contam fogo bastante,
Para os próprios sujeitos inflamar
E deixar rijo o espírito maleável das mulheres,
Então, concidadãos!
Que outros acúleos além da nossa causa
Serviriam de espicaçar-vos para desagrafo!
Que outro liame mais forte,
Do que terem empenhado,
Políticos fidedignos à palavra,
Sem virem a quebra-la!

Que melhor juramento do que a própria honestidade
À honestidade aliada no compromisso com o povo
Ou o de morrer com ele na verdade!

Então!
Façam juras com o pastores e padres
Com os astutos e covardes,
E esses tipos sem fibras
Com almas tímidas,
Que saúdam de grado as injustiças.

E deixem-nos de fora
Na ideia de derrancar
Do reino o siso.

A DANÇA E O CALOR DO ALAMBIQUE

Fora-se o dia.
 É chegada a noite
 E o desespero que se quer fundo na dança
 No calor amargo do alambique.

É no cair da noite
 Que os cotas reúnem suas mágoas
 Toda a sobra da coragem, força e agilidade
 Para deposita-las em águas amargas.

O número das fantás que se bebia
 Era equiparada às notas da música;
 Dó – fora-se a primeira fanta
 Ré – a segunda acompanha com leveza
 Mi – já sentiam a graciosidade da capuca²².
 Fá – a quarta afinava a garganta
 Só – já se podia ver fora a timidez
 Lá – seus corpos já não eram deles
 SI – era óbvia a fealdade.

Quando voltassem ao Dó,
 Era como a alça da liberdade
 Para libertar-se na animosidade
 Caindo na dança, nas canções dos cassave.

Exibindo os toques
 Efetuando os movimentos que o ritual impõe.
 Destacam personagens
 No calor da embriagues
 E desabafam suas desilusões.

Mais tarde,
 A dança no calor do alambique
 Modifica suas formas,
 Estila as atitudes.
 Enquanto suas mulheres
 Chamadas “dançarinas sagradas”
 Aquecem seus flébeis corpos titubeantes
 Nas convulsões das danças ritualescas
 Até a mais alta exaustão.

²² Bebida alcoólica caseira

À DERIVA

Ouço que na agonia
Muita gente de fome tresvaria...
“e disso o reio sabe muito”

Toda a hora a trabalhar sem hora de repouso,
E ainda assim,
Vir parar neste sarapatel desditoso!
Eu a engendrar-me de filhos
Tentando dar gosto ao reino.

Entre esses empecilhos
Eu a arranja-lhes o pão,
Sim o pão... que pedindo sempre o digo,
Pão negro sem conduto;
Entrelaçados nas cruzes do inimigo,
Rilhando minha dieta forçada
Num motreco,
Com os meus filhos buliços,
Da fome súbditos
Sem escolha nem sossego...

DESABAFO DO AUTOR

Eis que descubro que meus confrades dizem
Que minha poética não tem dialética
Não tem cura,
Talvez nem seja digna de mensura.
Mas manifestação de um estado patológico, ilógico
Onde, como poeta sou mantido refém do verbo.

–Meus auspícios minha minerva.
Faço da poesia, terapia.
E toda essa falácia
É a questão da dual realidade
Do que seja
O bem e o mal de verdade.

Se o meu submundo
Te causa incómodo
Faça prova real da sua paz.

FIM.

Espero que tenham gostado da viagem...

Próximo lançamento;
O REINO EM CAOS (a guerra pelo poder).
Data indefinida.

PARA MAIS INFORMAÇÕES, SIGAM AS REDES SOCIAIS DO
AUTOR;

FACEBOOK-Valentim Chico,

INSTAGRAM- Valentimchico

TIK TOK- valentimchico10

EMAIL-valentimcamboio@gmail.com

Obrigado por chegares até ao fim...



